

## O ser humano, antes de qualquer fronteira (O caso do asilo político ao Senador da Bolívia)

José Raimundo Gomes da Cruz\*

O poeta Ribeiro do Couto era embaixador do Brasil em Budapeste, no começo dos anos 1940. Recebeu o jovem professor de línguas húngaro Paulo Rónai, que trazia tradução de texto brasileiro para o húngaro, por ele feita no último fim de semana e queria a opinião do diplomata. O grupo de jovens professores de Budapeste mantinha um trato: em cada final de semana, um deles aprendia um novo idioma, de preferência bem estranho e raro. Isso seria provado com tradução para seu idioma natal. Buquinando em Paris, anos antes, em seu doutorado sobre *a obra do jovem Balzac*, Rónai trouxera um velho dicionário, um livro de crônicas e algumas revistas. Sua bagagem abrangia, também, grego, latim, húngaro, alemão, inglês, italiano e francês. Escolheu texto de uma das revistas brasileiras. Ribeiro do Couto não só aprovou a tradução como ofereceu a Rónai vários livros, alguns da autoria do próprio embaixador e passaram a manter conversas e consultas linguísticas.

Foi então que as tropas do nazismo ocuparam a Hungria. Rónai logo foi preso, mas, de algum modo, fez chegar ao conhecimento do embaixador brasileiro o ocorrido. Ribeiro do Couto alegou que a nossa embaixada precisava muito dos serviços de Rónai. Liberado este, o embaixador apressou-se em mandá-lo para Lisboa que, como Madri, ainda contava certa neutralidade. De lá, o grande húngaro, que se naturalizaria como brasileiro seguiria para o Rio de Janeiro, de navio. Infelizmente, sua mãe e sua noiva não tiveram a mesma sorte.

Tenho louvado a atuação de Araci de Carvalho Guimarães Rosa, que, nos anos 1930, como funcionária sem imunidades do consulado brasileiro em Hamburgo, desdobrava-se para *preparar* passaportes e vistos para a emigração de semitas e outros perseguidos

---

\* Instituto de Direito Comparado Luso-Brasileiro

pelo nazismo, com destino ao Brasil<sup>1</sup>. Note-se que o secretário do consulado – futuro escritor de *Grande Sertão: Veredas* e marido de Araci – a apoiava. Meu interesse pelo tema da luta do indivíduo contra qualquer fronteira estatal me levou a algumas leituras, que comentei em textos publicados, especialmente meus artigos “Missão no Reich – Glória e covardia dos Diplomatas latino-americanos na Alemanha de Hitler”<sup>2</sup> e “O anti-semitismo na era Vargas”, também título do livro comentado de Maria Luiza Tucci Carneiro<sup>3</sup>. Observo que ambos os artigos foram publicados no volume 32 da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais*, achando-se o último também em meu livro *Cinema, Verdade e Fantasia*. São Paulo: 2012.

Leio, agora, no *O Estado de S. Paulo*, 27/8/13, comentário assinado por Roberto Simon: “Diplomata teve coragem e agiu certo, diz Lafer”. Claro que se refere ao absurdo da falta de salvo conduta para o Senador boliviano Roger Pinto Molina, asilado em nossa embaixada em La Paz, deixar seu país, o que levou o embaixador Eduardo Sabóia a conduzi-lo, em dois automóveis da embaixada brasileira, para o nosso território. Celso Lafer, com razão, aplaude tal atitude e lembra que o gesto de Sabóia “traz à memória o embaixador brasileiro Luís Martins de Souza Dantas, representante do governo Getúlio Vargas em Paris durante a 2ª Guerra. Contra as restrições impostas pelo Estado Novo à concessão de vistos, Souza Dantas conseguiu que centenas de pessoas consideradas ‘indesejáveis’ – judeus, comunistas, homossexuais e outros – deixassem o terror nazista e encontrassem abrigo no Brasil.”

Não posso deixar de relembrar passagem do meu artigo, à p. 129 do meu livro *Cinema, Verdade e Fantasia*: “O grande e raro nome do diplomata Luís Martins de Souza Dantas, lamentavelmente, talvez não integre lista tão grande quanto a dos negativos. Pois Souza Dantas acabou, por sua atuação corajosa e solidária, sofrendo processo administrativo disciplinar, de que resultou sua demissão a bem do serviço público”.

---

1 “O anjo de Hamburgo faz Cem Anos”. *I Concurso Literário APMP*. São Paulo: 2010, pp. 25/27; “Missa de 7º Dia de Araci”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais*. v. 36, pp. 268/270.

2 Também título do livro de Roberto Lopes. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.

3 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

Meu livro não esquece atitude altamente reprovável do governo brasileiro, negando asilo político aos boxeadores cubanos que desertaram durante os jogos pan-americanos do Rio de Janeiro, em julho de 2007<sup>4</sup>.

Voltando ao Embaixador Eduardo Sabóia, sua atitude humanitária, sua solidariedade se mostra inteiramente louvável em conduzir ao território brasileiro o Senador boliviano de oposição, pela absurda falta de salvo conduta para viagem aérea, após “452 dias de confinamento numa dependência da embaixada onde se asilou, em maio do ano passado”, como lembra o editorial do *O Estado de S. Paulo*, também de 27/8/13, sob o título “A coragem de um diplomata”.

No noticiário do *Estadão* citado, consta que o “boliviano conseguiu escapar de seu país após cruzar de carro de La Paz até Corumbá. Ele viajou em um automóvel da missão diplomática brasileira, escoltado por fuzileiros navais. Ao cruzar a fronteira, tomou um avião até Brasília.”

Não sou original, mas isso não me incomoda: aquele veículo conduzia também grande parte da nossa dignidade.

---

4 “Olga se repete em Cuba”, *Cinema*, cit., pp. 38/40.